

'Yellow Cake' seria novela-verdade, ponto de partida para investigações

Considerado por muitos apenas uma novela de ficção, o livro "Yellow Cake" (Bolo Amarelo) que o jornalista Alexandre von Baumgarten termina de escrever quando foi assassinado, representa, na opinião do Procurador Junqueira Ayres, uma novela verdade, na qual "todos os fatos mencionados pelo autor devem ser rigorosamente investigados e através deles se chegará a inúmeras surpresas". Embora afirme que o livro contém muita ficção, o Coronel Luis Helvécio da Silveira Leite ressalva que muitos fatos descritos por Baumgarten "são autênticos, principalmente levando-se em conta que os nomes dos personagens são reais".

— Existe um clamor — diz o Procurador — da opinião pública pedindo o esclarecimento desses casos. Temos a viúva de um barqueiro que vive em estado degradante, tentando provar na Justiça que está viúva para direito a uma mísera pensão; uma mãe (D. Denise Hansen), que chora a morte de sua filha. Por isso, tudo que está interligado tem que ser investigado, ainda mais quando sabemos que a motivação de todos os crimes teve origem na malversação de recursos públicos; em negociações que afetaram toda a estrutura econômica do País, porque foram desviados recursos que, no final da história, serão pagos pelo o povo.

Junqueira Ayres disse que ao oferecer a sustentação oral na 2ª Câmara Criminal, pedindo a apuração de responsabilidades penais na falência da Capemi, classificou o livro "Yellow Cake" de novela-verdade, porque através dele "muitas coisas viriam à tona".

— Aquele desmatamento pelo qual o Governo pagou não tinha sentido — diz Junqueira Ayres. Fizeram uma firma apenas como máscara. A inundação da área de Tucuruí demonstrou que tudo não passou de uma farsa. Entregaram a firma a amigos de amigos do

peito e fizeram aquele festival de recursos públicos. Conseguiram empréstimo num banco francês, com o aval do BNCC; depois desviaram os recursos da Capemi para uma empresa holding, configurando a falsificação de documentos. O General Aragão está sendo processado em ação falimentar e em ação criminal, por falsificação. Por isso defendo que tudo o que contém este livro deve ser apurado, porque os crimes praticados a partir do escândalo Capemi tiveram o objetivo de silenciar quem conhecia a história.

Escrito a partir de uma série de gravações — segundo alguns militares — e fatos conhecidos por agentes da comunidade de informações, o livro "Yellow Cake" tem em sua trama central a venda de urânio brasileiro para o Iraque. No livro, Baumgarten cita nomes reais, descreve intrigas e afirma que, na venda de madeira para a França, o General Octávio Medeiros, ex-Ministro Chefe do SNI e atual Comandante Militar da Amazônia, receberia Cr\$ 600 milhões para a sua campanha à Presidência da República.

Baumgarten descreve ainda encontros entre o General Medeiros e o ex-Presidente da Capemi, General Adhemar Messias Aragão, "no qual ficou acertado que para se desviar os Cr\$ 600 milhões, seria criada uma empresa de prestação de serviços".

Ficção ou realidade, "Yellow Cake" conta que o General Medeiros, "chefe do Mossad (serviço secreto israelense) em Brasília", intermediou a venda de urânio brasileiro para o Iraque, para que os israelenses bombardeassem as usinas atômicas iraquianas. Se a realidade imita a ficção, o bombardeio efetivamente ocorreu. Mas a partir de toda a trama para a venda de 70 toneladas do mineral, o livro passa pelo episódio do Riocentro, as intrigas entre oficiais-generais e outros escândalos na área fi-

nanceira.

O herói da novela é o Coronel Neiva, "agente da seção paulista do SNI", e que fica sabendo da operação Yellow Cake praticamente por acaso. De acordo com a obra, o Deputado Paulo Maluf, na época Governador de São Paulo, foi quem fez os contatos com o Governo iraquiano para a venda do urânio, e ao saber que Brasília havia conseguido concretizar o negócio, chamou o seu Secretário da Indústria e Tecnologia, Osvaldo Palma, com quem estivera no Iraque.

— "...Lembra-se quando fomos ao Oriente Médio com o pretexto de aumentar a exportação nacional e que você achou tudo uma loucura? Agora eu posso lhe contar. Quando saímos daqui foi com o fim exclusivo de vender urânio para o Iraque..." — teria dito Paulo Maluf a seu Secretário, segundo o livro.

A intermediação de Maluf, segundo "Yellow Cake", seria para preservar o Governo Federal se alguma coisa saísse errado, e em troca, teria "todas as facilidades para a campanha presidencial e, entre outras coisas, a aprovação do programa da Paulipetro".

A partir do momento em que percebeu a mudança de comportamento do Governo Federal em relação ao Governador Paulo Maluf, o herói da novela, Coronel Neiva, fica intrigado e tenta descobrir as razões, até que recebe a informação de uma fonte ocasional, e que no desenrolar da trama, viria a ser morta. Na estória aparecem os nomes ainda do ex-Prefeito do Rio, Israel Klabin; do empresário José Mindlin do Coronel Ary Pereira de Carvalho, o Aryzinho; do General Newton Cruz; do Embaixador Paulo Nogueira Batista, ex-Presidente da Nuclebrás; do ex-Ministro e ex-Presidente da Petrobrás, Shigeaki Ueki; do falecido General Gentil Marcondes Filho; e muitos outros militares.